mental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. 2 ed. Brasília, 2007.

COLIL, Jorge. O que é arte? São Paulo: Brasiliense, 2004.

COLL, César [et. al.] Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DIAS, Karina Sperle. Formação estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). Infância e Educação Infantil. Campinas: Papirus, 1999, p. 175-201.

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? 2ª ed. Campinas: Papirus, 1985. FILHO, Aristeo Leite. Proposições para uma educação infantil cidadã. In:

DUTRA, Analice Pillar. A Educação do Olhar no Ensino das Artes. Porto Alegre: Meditação, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. FUSARI, Maria Felisminda de Rezende

e. Metodologia do Ensino de Arte. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 1999.

GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. História, cultura e expressão: Fundamentos na formação professor. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, (Orgs.). Infância e Educação Infantil. Campinas: Papirus, 1999, p. 159-174.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KETZER, S. M. A criança, a produção cultural e a escola. In: JACOB, S. (Org.). A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 11-27.

MARTINS, Mirian Celeste et. ali. Didática do ensino da arte: língua do mundo, poetizar fluir e conhecer arte. São Paulo: FTD S. A, 1998.

MARTINS FILHO, A. J. Culturas da infância: traços e retraços que a diferenciam. (Org.). Criança pede respeito: Temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005, p.13-26.

MOREIRA, M. A. e Masini, E.S. (1982) Aprendizagem Significativa: a Teoria de David Ausubel. São Paulo: Edit. Moraes.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis: Vozes, 1978.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE DE BARROS

RESUMO

O objetivo central deste artigo é promover a reflexão e o debate sobre a importância da psicomotricidade na educação infantil. Uma vez que a criança se comunica com o meio que está incluída e se aperfeiçoará com movimentos durante sua vida, este assunto é de extrema necessidade. Por isso, o presente estudo, tem como tema a psicomotricidade e suas considerações com base em pesquisa

científica em artigos relacionados ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Movimentos-psicomotores; Desenvolvimento; Coordenação.

ABSTRACT

The main objective of this article is to promote reflection and debate on the importance of psychomotricity in early childhood education. Once the child communicates with the

environment that is included and will improve with movements during his life, this subject is of extreme necessity. Therefore, this study has as its theme psychomotricity and its considerations based on scientific research in articles related to the topic.

KEYWORDS: Childhood; Psychomotor movements; Development; Coordination.

1 Introdução

A psicomotricidade é uma prática pedagógica e psicológica que usa como referência a educação física para auxiliar as crianças por meios de aprendizagem. Para Le Boulch (1987), é por meio do corpo que a criança manifesta seus desejos, sua forma de comunicação e afetividade.

Já Fonseca (1998) afirma que para se ter um desenvolvimento humano saudável, é necessário um desenvolvimento matriz completo, que, por sua vez, depende muito de uma boa maturação neurológica.

Podemos observar, então, que a corporeidade e a psicomotricidade estão presentes em todas as atividades que envolvem a motricidade e nos menores gestos da criança, que visam o conhecimento e o domínio do corpo. Além disso, a educação psicomotora possui um papel significativo na educação infantil quando se trata da prevenção das dificuldades escolares.

Na educação infantil podemos pensar o desenvolvimento motor como uma condição verbal e basilar para o desenvolvimento integral do indivíduo. Em teoria, na educação infantil serão ofertadas para as crianças oportunidades para garantir seu processo de aprendizagem e, por consequência, as necessidades imediatas enquanto humanos. Segundo Le Boulch:

A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na pré-escola. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situação no espaço, a dominar seu tempo, a adquirir habilidades de coordenação de seus gestos e movimentos. (Le Boulch, 1987, p. 25)

Sabendo deste princípio, o objetivo central deste artigo é aprofundar conhecimentos sobre a educação e psicomotricidade dos alunos da educação infantil, organizando planos de ensino para que as crianças evoluam com mais facilidade estas habilidades.

2 Alguns conceitos sobre psicomotricidade e desenvolvimento motor

Para Coste (1978), a história da psicomotricidade está relacionada à história do corpo: nascem juntos sendo sua trajetória marcada por cortes revolucionários e reformulações decisivas, que vieram culminar nas concepções que existem atualmente, permitindo, assim, a sua compreensão.

O eixo principal da psicomotricidade é

buscar analisar e compreender como a expressão humana influi no sujeito e nas suas produções, sendo utilizada em todas as faixas etárias, mesmo sendo mais observada na infância.

Segundo Le Boulch (1987) a concepção biológica e do organismo leva um processo de maturação, sendo programado no dinamismo embrionário, nas intervenções de experiência enriquecedoras trazidas pelo meio, que tornará cada mais preponderante e no desenvolvimento do organismo, cuja organização se opõe ao determinismo escrito da maturação.

Para Lagrange (1977) o papel da educação psicomotora não é panaceia universal, mas é um meio de ajudar a criança a superar suas deficiências, favorecendo a evolução. É o seu esquema corporal e da sua organização perceptiva.

Para Vayer (1982), a educação psicomotora trata-se de uma educação global que, associando os potenciais intelectuais, afetivos, sociais, motores e psicomotores da criança, dá-lhe segurança, equilíbrio e permite o seu desenvolvimento, organizando corretamente as suas relações com os diferentes meios nos quais tem de evoluir.

Segundo Le Boulch (1987), o esquema corporal é a consciência do próprio corpo, é a intuição global ou conhecimento imediato, seja um estado de repouso ou movimento. O esquema corporal visa o conhecimento das partes essenciais do corpo humano (cabeça, corpo e pernas, possibilidade de movimento e funcionalidade), assim como a afirmação de lateralidade e a orientação do esquema corporal em relação a si próprio e aos objetos.

Já o desenvolvimento motor é definido como mudanças nas habilidades e em padrões de movimento que ocorrem ao longo da vida (Carvalho, 2008). A criança evolui suas habilidades motoras na sua troca com o meio, conquistando-o aos poucos e ampliando sua capacidade de se adaptar. Por isso, contar com um espaço físico devidamente organizado para tal é importante nesse processo.

Além disso, para Haymood e Gelchell (2004), o termo aprendizagem motora é diferente do desenvolvimento motor, sendo definido como toda alteração no movimento, seja ela de forma permanente ou não, independente da idade. Os autores acreditam que a evolução do movimento é o desenvolvimento motor e que, por isso, estudando as alterações dos movimentos estaremos compreendendo o desenvolvimento motor.

Entretanto, sabemos que a cada idade temos estágios diferentes no desenvolvimento motor. Além disso, Santin (1992) observa que, raramente, o corpo é visto como ferramenta de situar-se no mundo, de estar presente com os outros e de poder perceber as coisas, sendo visto pela maioria das pessoas como mero instrumento de trabalho, uma máquina de rendimento ou um objeto de prazer. Na maioria dos casos o corpo não passa de um utensílio. Ninguém se pensa como um corpo, mas como possuidor de corpo (SANTIN, 1992).

Portanto, os autores estão em consenso no que se refere à psicomotricidade, ou seja, de que essa abordagem é uma maneira de fazer com que as crianças evoluam da sua própria maneira e atinjam o seu potencial a partir do movimento.

3 Psicomotricidade nos anos iniciais do ensino

O movimento é um componente essencial na estruturação psicológica do eu: a ação torna-se importantíssima na consciência que o indivíduo tem de si e do mundo exterior, definindo a concepção de seu próprio corpo.

Quando se fala em movimento, fala-se principalmente da psicomotricidade. Então, trabalhar a psicomotricidade com crianças na evolução infantil é de fundamental importância, pois é por meio dela que temos a dimensão do desenvolvimento do movimento infantil e sua aprendizagem.

A consciência corporal, em sua totalidade, se aproxima das perspectivas biológicas contidas nos componentes proprioceptivos com as perspectivas não biológicas, como as dimensões sociais, econômicas, políticas entre outras. Por isso, a psicomotricidade é parte primordial no desenvolvimento total do indivíduo.

Nas séries iniciais e educação infantil, a educação psicomotora deve ser considerada educação de base. Ela leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, dominar seu tempo, adquirir habitualmente a coordenação de seus gestos e movimentos, entre outros.

Entretanto, é visível que grande parcela das crianças que ingressam nos anos iniciais do ensino fundamental encontram-se com atraso psicomotor, possivelmente devido à falta da experiência com a psicomotricidade nos anos anteriores à escolaridade.

Partindo desse pressuposto, a estrutura da educação psicomotora deve ser considerada a base fundamental para o processo de aprendizagem da criança. Uma vez que o desenvolvimento evolui do geral para o específico, quando o geral (educação psicomotora) é mal constituído, poderá gerar problemas para a criança. No caso da educação psicomotora, sua falta poderá refletir na sua linguagem verbal e escrita, como afirma Le Boulch (1987).

3.1 A psicomotricidade como prática educativa

A psicomotricidade para Coriat (S/D) apud Levin (1995) é importante no tratamento de crianças e jovens com problemas corporais vinculados à alteração da afetividade, ao esquema corporal, à lateralidade, entre outros. A interação é fundamental para a criança adquirir uma melhor percepção do seu corpo, do espaço e do mundo à sua volta, tendo em vista que, através das atividades, pode-se melhorar o tônus muscular, a postura, a gestualidade, a emoção, entre outros aspectos que subsidiam o processo ensino-aprendizagem.

Assim, a psicomotricidade não é apenas uma prática preventiva, mas educativa, que contribui para uma aquisição da autonomia para a aprendizagem, facilitando, assim, o processo nas escolas.

Compreendendo a psicomotricidade enquanto componente das manifestações da corporeidade, podemos perceber caracterizações de emancipação humana tendo em vista o reconhecimento da não utilização da dimensão corporal como fragmentação e, sim, como um dos elementos construtores da imagem e estrutura corporal individual.

Superar esta versão biológica é avançar ao caminho da totalidade humana de uma compreensão integral do ser humano. Qualquer aspecto do sujeito é manifestado e, assim, entendido, por meio da unidade de seu corpo – se é que pretendemos dar a ele uma dimensão humana – visto que as ações

vão atribuindo significados que diferenciam os inúmeros grupos humanos espalhados pelo mundo ao longo da história.

3.2 O papel do professor

Para Wallon (in OLIVEIRA, 2007) há uma evolução tônica e corporal chamada diálogo corporal: segundo o autor, é através das ações da criança sobre o meio que se dá a estruturação para a representação. Assim, faz uma comparação sobre a evolução da criança e da sensório-motricidade:

> É pela motricidade e pela visão que a criança descobre o mundo dos objetos, e é manipulando-os que ela redescobre o mundo, porém, esta descoberta a partir dos objetos só será verdadeiramente frutífera quando a criança for capaz de segurar e de largar, quando ela tiver adquirido a noção de distância entre ela e o objeto que ela manipula quando o objeto não fizer mais parte da sua simples atividade corporal indiferenciado. (Wallon in OLIVEIRA, 2007, p.34).

Conforme o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 1998), no primeiro ano de vida do bebê a interação é predominante afetiva e esse diálogo afetivo é caracterizado pelo toque corporal.

Durante uma grande parte do seu tempo, o bebe se dedica a explorar o seu próprio corpo. Com o passar do tempo, ele passa a conquistar movimentos: virar-se, rolar-se e sentar-se, por exemplo.

Ao observar um bebê, pode-se constatar que é grande o tempo que ele se dedica à exploração do próprio corpo – fica olhando as mãos paradas ou mexendo-as diante dos olhos, pega os pés e diverte-se em mantê-los sob o controle das mãos-como que descobrindo aquilo que faz parte do seu corpo e o que vem do mundo exterior. (BRASIL, 1998, p.21).

Essas ações exploratórias permitem que o bebê descubra os limites do próprio corpo, sendo um grande feito para sua percepção corporal. Por isso:

> As ações em que procura descobrir o efeito de seus gestos sobre os objetos propiciam a coordenação sensório-motora, a partir de quando seus atos se tornam instrumentos para atingir fins situados no mundo exterior. (BRASIL, 1998, p.21).

É por meio das trocas vivenciadas pela criança que se forma o seu conhecimento de mundo. Conforme Elias (1985, p.16): “(...) as aquisições da criança nos primeiros anos de vida, sofrem uma maturação orgânica que são enriquecidas com as experiências resultantes de sua interação com o meu ambiente”.

Freire (1994) ao analisar sobre a padronização dos movimentos das crianças, critica a psicologia infantil e a psicomotricidade, pois, segundo ele, as revisões vão partir muito mais do que se supõe existir internamente no indivíduo do que por aquilo que lhe falta e é exterior a ele, ou seja, ignora aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento – que são a cultura e o social.

A manifestação de esquemas motores, isto é, de organizações de movimentos construídos pelos sujeitos ,em cada situação construções essas que dependem, tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa,quanto das condições do meio ambiente que ela vive. (FREIRE, 1994, p.22).

A partir do momento que a criança entra na fase escolar, o desenvolvimento da mesma deve ser acompanhado por seus responsáveis, visando oferecer a eles qualidades para o seu desenvolvimento como um

ser participativo da sociedade e atuante na mesma.

Então, para atingir um bom planejamento de ensino, deve-se levar em conta a realidade do educando quanto à sua maturidade, necessidades, aspirações, preparo e possibilidades de aprendizagem. Por isso, para Davis e Oliveira (1994), o professor como educador tem um papel a cumprir:

Ele procura estruturar condições para ocorrência de interações professor-aluno que levem à apropriação de conhecimento. Estas considerações, em conjunto, têm sérias implicações para a educação: procede-se na aprendizagem do social para o individual, através da internalização, com auxílio de adultos ou companheiros mais experientes. (DAVIS, OLIVEIRA, 1994, p.22).

A tarefa do professor é vasta e abstrusa, cabe a ele perceber o caminho que a criança está construindo para, então, poder formular meios para ajudá-la a crescer, a se reconhecer como sujeito, a integrar-se à sociedade, a apropriar-se dos conhecimentos produzidos pela humanidade para que, assim, possa desenvolver suas potencialidades.

3.3 Atividades de desenvolvimento psicomotor na educação infantil

Independente do foco do estudo, dependendo do local e público alvo, todos os autores estudados neste artigo concordam que a psicomotricidade interage de forma significativa no desenvolvimento das crianças, seja psicomotor ou afetivo.

Para De Meur e States (1991), a educação psicomotora é uma técnica que possibilita que a criança tenha noção de esquema corporal indispensável ao seu desenvolvimento. Para colocá-la em prática, basta seguir os caminhos e etapas da aprendizagem natural: primeiro, através de exercícios motores em que o corpo se desloca, havendo uma noção uma noção de meio e suas diferenças.

Depois, utilizando de exercícios sensório motores, como a manipulação de objetos, possibilitando a percepção de diversas noções (sendo o tato de extrema importância).

Finalmente, exercícios perceptomotores, sendo os principais as manipulações mais sutis e a percepção visual muito importante, dominando as outras partes.

Então, a organização escolar deve organizar momentos que estimulem o corpo docente a pensar na criança apenas como sujeito completo, afetivo, relacional que, para crescer de forma eficiente, precisa desenvolver plenamente seus movimentos.

Mas é necessário lembrar que o desenvolvimento motor da criança deve ser testado de forma compatível com a sua idade, com o tempo, adicionando desafios para estimular novos movimentos – mas tudo de acordo com a sua idade, sem que ultrapasse sua capacidade de se superar.

A prática psicomotora deve ser compreendida como processo de ajuda que condiz a criança em seu próprio percurso maturativo, que vai até o acesso à capacidade de descontração.

Assim, as atividades acerca da psicomotricidade no âmbito da educação infantil devem seguir elementos básicos para que os aspectos cognitivos, motores e sensoriais possam ser plenamente desenvolvidos, como: o esquema corporal (conhecimento intuitivo e imediato), coordenação viso motora (campo visual), a lateralidade (define o domínio lateral), organização e estruturação espa-

cial (orientação), que são elementos básicos do desenvolvimento corpóreo.

O brincar é uma forma de estimular a criança, seja com ou sem brinquedos. A interação da criança com outros objetos, pessoas e ambientes possibilita a ela várias oportunidades, porém essas atividades devem ser cuidadas pelo profissional a fim de que não ocorram intervenções desnecessárias. Pode-se brincar com a criança, mas não se deve tomar a frente. Deve-se deixar a criança como protagonista da cena.

É de extrema importância que o profissional atente-se às informações que a criança está passando e seja extremamente flexível para alinhar suas expectativas, mantendo a criança no controle da brincadeira e não o que ele idealizou.

Também é sempre necessário salientar que o objetivo da psicomotricidade não é o de medir a aptidão física da criança, ou qualquer tipo de análise que fuja do contexto. O objetivo é traçar meios que a beneficie no seu crescimento físico e psíquico, ou seja, apoiar essa criança para que ela possa suprir as próprias faltas.

Assim, é possível promover o equilíbrio dos indivíduos, tendo em vista a certeza de que quanto antes estimularmos corretamente as crianças, maiores serão os benefícios para elas enquanto sujeitos autônomos no futuro e conscientes de seu corpo, do espaço que ocupam. Menores serão as inadaptações em seu meio, já que as pessoas não são, exclusivamente seres motores ou apenas psíquicos, mas sim, seres complexos (OLIVEIRA, 2007, p.80).

4. Considerações finais a respeito da psicomotricidade na educação infantil

Na infância, o desenvolvimento e os movimentos estão ligados diretamente. O mediador entre o meio e o objeto é o nosso corpo, se tornando uma relação vivencial adequada. Nesse período, a criança vive um momento da sua vida em que é vista pelo corpo: as produções intelectuais ou físicas são produções corporais que se dão através das interações com o meio.

Por isso, a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares, leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar seu tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos.

Como professores de educação infantil, é necessário desenvolver atividades no cotidiano escolar utilizando todas ferramentas que estejam à disposição, não apenas o espaço da sala de aula; e em diversos períodos do dia, como no recreio, jogo com bolas, reutilizar passeios com trilhas utilizando materiais diferentes, entre outros.

Só assim a educação psicomotora atingirá seus objetivos: quando estiver inserida na escola, primordialmente na educação infantil, onde o conhecimento do seu corpo ocorre.

Referências bibliográficas

AJURIAGUERRA, Julian de: Manual da psicopatia. São Paulo, Manole, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF. Vol. 2 e 3, 1998.